

*As materialidades no livro “No Mato” -
processo artístico-literário*

Gisele Federizzi Barcellos (UFRGS e UNIFESSPA)¹

Esta comunicação tem como objetivo relatar e repensar a experiência de uma artista independente que reflete acerca das materialidades de um de seus livros para as infâncias, bem como a recepção dos leitores. Para tanto, apresentarei o livro móvel, “No Mato”, produzido em 2019 e publicado em 2020, sem associação com editoras.

Desde que eu tinha 9 anos decidi, após ouvir a leitura de Alice no País das Maravilhas contada pela minha mãe, que quando crescesse, iria trabalhar com livros, iria fazer livros, iria morar em um lugar cheio de livros. Fiquei completamente apaixonada e encantada em como um mundo tão cheio de aventuras e nonsense poderia caber dentro de um retângulo tão pequeno. E, claro, a partir daí, comecei a fazer meus próprios livros.

Na adolescência, qualquer dinheiro que ganhasse se transformava em livros, tanto que recebi o apelido de “traça” da minha mãe. Já adulta, decidi cursar Artes Plásticas para poder aprender todas as técnicas, das mais variadas, desde as tradicionais, quanto as atuais, para poder trabalhar com excelência nas ilustrações dos meus próprios livros.

E por que destaco as minhas memórias e decisões envolvendo o universo literário no início deste texto? Simplesmente porque ao começar a pensar num livro para as infâncias, recordo do meu próprio encantamento e busco lá na minha infância o pó de pirlimpimpim, da mesma forma, procuro na infância dos meus filhos a memória daqueles livros que têm o poder de encantar. Em uma época de *overposting*, em que as imagens “são consumidas como produtos das gôndolas de supermercado” (NOVAES, 1988, p. 488), velozmente descartadas e banalizadas, reduzidas a *likes* e *emojis*, sem significar nada de importante me faço o seguinte questionamento: como fazer um livro que irá chamar a atenção das crianças? Vivemos em uma época de poluição sonora, onde as cidades têm barulho de caminhões, buzinas e arrancadas, carros e motos furiosas, vendedores ambulantes, pessoas falando ao celular e aparelhos eletrônicos reproduzindo vídeos e músicas em alto e bom som, para todos ouvirem, como fazer um livro que prenda a atenção das crianças por mais tempo?

Muitas pessoas não fazem ideia de como se constrói um livro. A essência do trabalho envolvendo a criação literária é dar forma a um pensamento para que ele “funcione” quando estiver em contato com o leitor. A ideia do livro “No Mato” começou com a materialidade da forma: “Na

¹ Gisele Federizzi é e membro do grupo de estudo e pesquisa Literatura Infantil e Juvenil (CNPq-UNIFESSPA) e do Grupo de Pesquisa Educação Literária, Currículo Literário: Experiências, Interações e Sentidos, coordenado pela Dra. Marília Forgearini Nunes, da Faculdade de Educação da CNPq -UFRGS. É especialista em Literatura Infantil, pelo Instituto Vera Cruz, SP. Formada em Artes Plásticas pela UFRGS. Fundadora do blog @KidsIndoors, escritora e ilustradora. E-mail: gisele.artes@gmail.com

velha arte o escritor escreve textos. Na nova arte o escritor faz livros.” (Carrion, 2011, p.15) Ao pesquisar sobre diferentes tipos de livros-objeto, me deparei com algo até então inédito para mim: livro infinito. Aprofundando os estudos sobre esse formato de livro, denominado infinito, fiquei encantada com as possibilidades e potências desta estrutura. Ela fazia com que me lembrasse de meus filhos e alunos, pois quando recém terminava de ler um livro, em coro pediam por mais: De novo! De novo!

A materialidade física do livro infinito precisa do engajamento do leitor, que motivado pela curiosidade e pelo jogo, vira, dobra e desdobra o livro para então descobrir, como num “*plot twist*”, espantado, que voltou para o início, dando vida a um “*Spinner* literário”², um livro infinito. E a brincadeira recomeça com um olhar de espanto, admiração e sorriso. Como disse uma criança: “Sora, esse livro *bugou* minha mente. Não consigo parar de ler!” Para fins de pesquisa e estudo, optei por dividir a produção do livro em 4 partes: design, texto verbal, texto pictórico e leitores.

Design e Materialidades

Após vários testes, o material escolhido foi o papel couchê, 250 gramas. Nada muito frágil para não se desmanchar e nem muito resistente para facilitar a manipulação das crianças. Foi passado um verniz fosco, prolan, em cima da impressão, para lacrar a tinta e ser mais durável nas mãos (e bocas) das crianças. Ao pensar essa materialidade física do papel pensei no que falam vários autores que admiro muito: o Komagata³, que trabalha com papéis e delicadezas nos livros para crianças, menciona que as materialidades influenciam na leitura e o papel mostra que tudo é frágil como a vida. Já a autora Kveta Pacovska (2013)⁴ afirma que o livro é a primeira galeria da criança. Salisbury e Styles (2013) reitera que livros ilustrados são pequenas galerias de arte atemporais em nossas casas. Ter em mãos um livro-objeto, é sentir a arte, com todo corpo. Assim como John Dewey (2010) argumenta que o livro para as infâncias traz a arte para dentro do cotidiano. E às vezes o livro é o único momento estético que a criança tem e, Patte nos mostra que “Livros precisam girar: girar o mundo em todos os sentidos[...] Livros ilustrados sugerem que a leitura é um jogo indefinidamente renovável[...] brincando, aprende a olhar.” (Patte, 2012, p 135) Todos esses autores afirmam que o leitor se forma experienciando o livro com as próprias mãos. Assim, “No Mato”, é um livro bem diferente do que as crianças estão acostumadas a ler, sendo um

2 *Spinner* é um brinquedo que possui uma estrutura plana com rolamento que permite a rotação em torno do seu próprio eixo. Peguei a definição emprestado e juntei com a palavra literário. Assim nasceu o livro que gira em torno do próprio eixo. Para conhecer o livro “No Mato”: <https://www.instagram.com/reel/CxOG7roxFnp/?igshid=MmU2YjMzNjRIOQ==>

3 Entrevista concedida para a Revista Emília em 2012: <https://emilia.org.br/katsumi-komagata/>

4 Entrevista concedida para a Revista Emília em 2013: <https://emilia.org.br/kveta-pacovska/>

convite para descobrir o texto verbal e pictórico a partir de uma nova ação. Onde antes virava-se linearmente uma página, movimentos inesperados encantam o leitor.

O livro ilustrado para as infâncias têm maior complexidade artística, haja visto que texto verbal, texto pictórico e design, têm igual importância: já que tudo nos livros está ali por uma razão (capa, papel, tipografia) e tudo influencia na narrativa, tudo está lá por um motivo, que o leitor vai descobrindo à medida que vai conhecendo e interagindo com a obra: “Um *picturebook* (livro ilustrado) é texto, ilustrações, design total: um item fabricado e um produto comercial; um documento social, cultural e histórico e, acima de tudo, uma experiência para uma criança. É uma forma de arte que se apoia na interdependência entre imagens e palavras, na disposição simultânea de duas páginas espelhadas e no drama da virada da página. Em si mesmo, suas possibilidades são ilimitadas” (Bader apud Bueno, 2021)

No livro “No Mato”, as páginas são intencionalmente do mesmo formato quadradas (20cm x 20 cm) e do mesmo material, já rompendo com o padrão e ordem capa-miolo-contracapa. São 2 folhas ou 4 duplas de páginas cortadas, coladas manualmente, com vincos para facilitar a dobra e o virar das páginas. Todo livro é testado e vincado novamente e manualmente, antes de ser vendido. Para esta tiragem foram produzidos 500 exemplares.

Ele tem um formato diferenciado, por tanto, é um livro-objeto, segundo Moraes (2013) livro que contém “[...] cortes especiais de papel, facas ou formas diferentes”. Sendo assim, meu livro é quadrado e quando é manipulado, de repente, muda de forma para uma cruz e depois na próxima virada de página ele volta a ser quadrado. É colorido, bem curtinho, fala de natureza (vegetal e animal), é brincante e tem um forte apelo ao movimento e à oralidade. Aqui o projeto gráfico é visível na narrativa e interfere na leitura. A arquitetura do livro é bem presente e a cada dobra tem uma suspensão na leitura e cria uma nova imagem que, de início tem resquícios da imagem anterior (e isso foi muito bem pensado e levou vários dias de testes, para só deixar o que eu queria da imagem anterior na seguinte e esconder o resto). Há um padrão rítmico das formas ao se transformarem em narrativa.

A repetição do movimento de virar as páginas mantém juntos os 3 personagens, que aparentemente não tem uma relação estabelecida e isso “[...] reforça qualidade individual das partes do todo, sem abandonar por completo o significado da maior.” (DONDIS, 1997, p. 159) Mas se rompe com o tradicional capa-miolo-contracapa, como saber onde começa? Há indícios do início ou da capa: são o nome da autora e rede social e a fonte maior das palavras “No Mato”. Tem-se ainda o ISBN, que normalmente vem na contracapa, abandonando o formato tradicional conhecido.

A materialidade física do livro, lembra aquelas velhas brincadeiras de papéis dobrados da infância dos anos 70-80, onde haviam abas que se levantavam para revelar surpresas, fazendo com que o adulto de hoje, se sinta atraído por este livro, levado de volta à sua infância. E mais: há um

estudo recente onde descobriram que devido a simplificação das brincadeiras infantis virarem basicamente ações em uma *touch screen*⁵, as crianças estão diminuindo e retardando seu desenvolvimento motor⁶, principalmente de pinça, elas estão demorando mais para aprender coisas triviais, como abrir embalagens de iogurte, por exemplo, do que as crianças de antigamente. Então, oferecer elementos, como a leitura, as dobras do livro “No Mato”, estimulam outras capacidades que elas andam deixando para trás.

Texto Verbal

Depois de pesquisar/brincar/dominar a confecção e as regras que essa estrutura impõem, parti para buscar uma ideia para uma narrativa infinita. “No Mato” tem uma estrutura física que reforça a narrativa cíclica, da história não ter fim. Queria algo divertido, que fosse fácil de falar, mas que tivesse uma força ORAL. Eu lembrava muito dos meus filhos e sobrinhos que quando começavam a falar, falavam com a boca cheia, articulando bem as sílabas. O texto do livro “No Mato” é:

NO MATO

O RATO

VIU O GATO

QUE FUGIU DO PATO

QUE SE ESCONDEU...

Temos um texto simples que brinca com a sonoridade das palavras, potencializando a fala, leitura e intensidade da voz. Um jogo lúdico onde a brincadeira, leva a uma repetição de fonemas, dando cadência à narrativa, provocando o leitor, como as brincadeiras de roda (aqui ele roda literalmente as páginas do livro com o movimento das mãos, braços e corpo), onde a palavra oral vem acompanhada de ritmo, duração, tempo, alegria, movimento, sonoridade e performance.

A diagramação do texto, esconde e revela-o interferindo na sua disposição, ele ganha vida e é reforçado no “drama da virada de página”, trazendo a Bader (1976). Segundo Sipe (2001, apud Bueno, 2021), o formato do livro condiciona as expectativas do leitor. Aqui, tanto o seu caráter de jogo (como um convite o livro diz: - “Vire a página para completar a frase e ver o que vem em seguida, siga seu instinto de curiosidade!”), quanto a ênfase na previsibilidade (ou não) das palavras e rimas: “A frase é interrompida propositalmente, para ser completada depois da pausa que representa uma passagem de folha, e esta suspensão enfatiza a narração, funcionando como um “gancho” de leitura.” (LAGO, s/d) ABREU apud LAGO, 74, 2013) Cada página do livro “No

5 tela que responde ao toque dos aparelhos eletrônicos, principalmente *tablets* e celulares.

6 <https://www.instagram.com/reel/CxMOHTBMliq/?igshid=ODk2MDJkZDc2Zg%3D%3D>

Mato” tem um “gancho” que leva a outro “gancho”, fazendo com que o texto fique circular. O fato de ter palavras curtas e simples em cada uma das quatro páginas, incentiva o leitor a manter uma velocidade constante e rápida, de viradas. O leitor consegue ler rapidamente e passar para a próxima página, reforçando o movimento de *spin*, esse girar ou fazer girar, rapidamente. Se as palavras fossem complicadas ou a quantidade de texto fosse maior, o movimento de girar seria quebrado, ou freado, e não teria a diversão da brincadeira de ler, virar, ler virar, ler, virar, ao infinito. A velocidade é controlada pela oralidade, sílabas e cadência das palavras.

Há um reforço e uma quebra quando aparece a palavra concreta “RATO”. A imagem mostra um Rato, porém vermelho, que de uma forma lúdica, não reduz o significado mas reatualiza a noção de Rato que o leitor possa ter e o abre para um novo jeito de olhar para o mundo e percebê-lo, o que, minutos antes, não era ou não seria possível.

Se lhe falta a completa capacidade de abstração que a capacite para as complexas redes analítico-conceituais, sobra-lhe espaço para a vasta mente instintiva, pré-lógica, inclusiva, integral e instantânea que só opera por semelhanças, correspondências entre formas, descobrindo vínculos de similitude entre elementos que a lógica racional condicionou a separar e a excluir, Correspondências, sinestesias. Todos os sentidos incluídos. (Palo; Oliveira, 1998, p. 7).

Desse encontro com o conhecido: palavra “RATO” com a ilustração do rato vermelho no livro, a fantasia acontece na cabeça do leitor.

Por fim, a escolha da fonte foi proposital, como todos os outros elementos do livro: escolhi uma fonte de caixa alta que remetesse a uma escrita infantil, porém clara, objetiva e "alegre" ou descontraída. Esse tipo de letra foi escolhida por ser toda em caixa alta, grande e de fácil leitura, assim, pessoas com mais dificuldade de ler, podem fazê-lo com menos esforço, como as mães e idosos que leem para as crianças na hora de dormir. E também, claro, por questões mercadológicas: as professoras preferem livros com caixa alta para alunos da educação infantil e séries iniciais já que esta permite a compreensão logo no início da alfabetização. Assim, a fonte contribui para uma maior chance de ser escolhido para acervos escolares e aumenta o alcance do livro.

Texto Pictórico

Uma das primeiras frases famosas de artista que conheci na faculdade de artes (UFRGS) foi a de Cézanne, em uma carta para Émile Bernard (AIX, 15 de abril de 1904): “Permita-me repetir aqui o que eu lhe dizia: abordar a natureza através do cilindro, da esfera, do cone, colocando o conjunto em perspectiva de forma que cada lado de um objeto, de um plano, se dirija para um ponto central.” (Cézanne apud Imbrosi & Martins, 2016) Com base nesta frase pensei o rato como esfera,

o pato como cone e o gato como cilindro. Vocês conseguem ver? Mesmo que não apareça para o leitor, as formas estão lá.

As imagens foram feitas digitalmente, após várias experimentações com diversas técnicas. Para a parte estética pensei em como se dá o desenho infantil. Mais que linhas, queria trabalhar com manchas, já que o leitor criança não faz ele próprio as formas de um jeito perfeito.

Na sequência temos, primeiro, rabiscos verdes para o mato, produzidos no ato de subir e descer de uma caneta digital, criando uma trama, de uma maneira quase automática, sem a preocupação de parecer real, apenas repetindo o gesto de forma automática, como a criança pequena o faz.

Depois temos o vermelho: É por volta dos dois meses que os bebês enxergam sua primeira cor: o vermelho. Temos o círculo vermelho RATO: “A fase circular acontece quando a criança já tem segurança no controle dos diversos tipos de movimentos (os movimentos tornam-se psicomotores). A linha curva fecha-se num círculo, sugerindo formas. O círculo é a primeira forma a surgir entre os emaranhados de rabiscos. Não é uma forma perfeita geometricamente. A criança transforma a ação em si, de desenhar, para noção de si.” (Federizzi, 2013)

O segundo elemento seria outra personagem conhecida das crianças: o gato. Ele traz pontos que lembram as flores do mato (que estão no fundo de todas as páginas) na barriga para poder se disfarçar no meio de tanto mato. O gato tem a cor laranja, a segunda cor do arco-íris. E ainda, o Gato tem elementos que já chamam a próxima personagem: triângulos. Ou melhor, cones. Mas visto de lado pode perfeitamente passar por um triângulo não equilátero.

E aqui o Amarelo entra em cena. Ao misturarmos o vermelho (personagem 1) com o amarelo (personagem 3) temos o laranja (personagem 2). As 3 figuras e o texto verbal estão de uma forma interligados, interagindo entre si (articulados) e o sentido vai sendo construído página a página, a cada nova virada e desvirada.

Dependendo da narrativa, as ilustrações, em um livro infantil, possuem diferentes funções. No livro “No Mato” encontramos todos os tipos de funções, de acordo com a lista de Camargo:

Como toda imagem, a ilustração pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, chamar atenção para sua configuração visual ou seu suporte, para a linguagem visual, incentivar o jogo, procurar interferir no comportamento, nos valores e nas atitudes do observador, além de pontuar o texto que acompanha, isto é, destacar seu início e seu fim, ou chamar atenção para elementos do texto. (Camargo, 2016)

Mesmo as ilustrações desempenhando todas essas funções, ao adentrar o livro “No Mato”, vemos que as personagens principais possuem todas o mesmo tamanho, estão no mesmo lugar central, parados, para que, quando o leitor virar a página uma parte do corpo de um dos animais possa se juntar com uma parte do corpo do próximo animal e gerar animais híbridos, divertidos e

criar estranhamento e ludicidade ao mesmo tempo. Reimaginação como chama o Haroldo de Campos (2013).

Nem tudo está no mesmo lugar, existe uma certa desordem, movimento de pontos que mudam a cada virada de página. As três personagens estão brincando de esconde-esconde entre si e com o leitor! Nem tudo é simétrico, os olhos das personagens variam no fundo do mato.⁷ As três personagens estão sempre presentes, juntas, porém, só o leitor mais atento, perceberá. Os olhos das personagens são muito parecidos, são pontos escuros. De uma forma direta, os pontos têm um grande poder de atrair a atenção do leitor. "Quando vistos, os pontos se ligam, sendo, portanto, capazes de dirigir o olhar." DONDIS, 1997, p. 54) O leitor pode não perceber os pontos na primeira leitura, mas ao avistá-los, ele não conseguirá “des-ver”. Eles atrairão o olhar do leitor, sempre.

O Leitor

Não tem um leitor definido⁸ para este livro. O mercado editorial, para vender, classifica os livros, colocando a faixa etária, como um guia para os pais e professores. Mas o livro de qualidade é apreciado por leitores de 0 a 100 anos, como bem defende C. S. Lewis: “Sou quase propenso a definir como cânone que a história infantil que é desfrutada apenas por crianças é uma história infantil ruim” (Lewis apud Hunt, 2010, p. 75) O livro “No Mato” agradou crianças e adultos de todas as idades. As bem pequenas brincam com a sonoridade das palavras e o colorido das ilustrações, além da familiaridade com os bichos. As crianças um pouco maiores brincam com o formato de jogo que o livro instiga, desafiando-os a entender como o mecanismo do livro funciona e como acontece dele, leitor girar, e voltar ao início de novo. Os maiores ainda vão brincar de girar, sem conseguir parar e os adultos vão ficar perplexos ao voltar ao início, após virar e desvirar. Aqui (⁹), temos capturado por uma leitora o exato momento em que o pai volta ao início e está confuso, não sabe o que acaba de acontecer e o filho, está maravilhado, com uma expressão de surpresa e encantamento.

Vemos que o leitor deixa de ser um mero expectador para tornar-se co-autor, leitor aberto, interativo, curioso que explora as propostas que o livro lhe apresenta. Para Nikolajeva e Scott (2011), o mais significativo é a exploração entre o tempo e o espaço, a interação, a experiência é **central** (grifo meu). Materialidades podem proporcionar uma experiência única de leitura mais performática, trazendo vida ao livro. Assim como qualquer livro, “No Mato” só acontece, só se torna vivo na mão do leitor.

7 Para procurar os olhos: https://www.instagram.com/p/Cq75aAXOOF1/?img_index=1

8 Para ver alguns leitores: https://www.instagram.com/p/Cq75aAXOOF1/?img_index=4,
<https://www.instagram.com/p/CSAN7cYLLoH/?igshid=MmU2YjMzNjRlOQ%3D%3D> e
<https://www.instagram.com/p/CsWCVb0uYwN/>

9 https://www.instagram.com/p/CW9IZw2vTOt/?img_index=2

Segundo Nunes, o leitor é aquele que vai se construindo "[...] a figura do leitor, em cada texto lido, vivencia uma nova maneira de ler que é incorporada ao comportamento leitor desse sujeito. A partir disso pode-se afirmar que, quanto mais se lê, mais se aprende a ler o leitor é, portanto, um sujeito em constante construção." (NUNES, 2007, p. 33). A leitura só acontece na presença e na relação entre esse leitor com o objeto livro em mãos. “No Mato” não é um livro para ser visto de longe. Ele é um livro que precisa da mão, corpo, da aproximação com o leitor. Esse livro demanda a participação do leitor de forma bem ativa, pois não sendo um livro tradicional, o leitor deve descobrir como é que ele (livro) precisa funcionar no mundo. A partir da leitura em novos formatos, o leitor vai atualizando o conceito do que é um livro e aprendendo a ser leitor pelo caminho: “Esse tipo de livro [o livro ilustrado] realmente escapa a qualquer tentativa de fixação de regras de funcionamento. Sua diversidade e flexibilidade, não raro, contrariam as tentativas de modelização de seus princípios e implicam uma constante atualização das certezas.” (Linden, 2011, p.157)

Pensando nisso, será que “No Mato” é um livro mesmo? Em um primeiro contato, as crianças ficaram desconfiadas, não raro, os adultos também, e dividem opiniões: “Tão fininho. Cadê a capa? E a contra capa?” Quando o mediador lê com elas e mostra que há texto, trama, personagens, ilustração e virada de páginas, as crianças perceberam que “No Mato”, é um livro diferente, não tem um códex tradicional... E um novo mundo de possibilidades se abre.

Segundo Pelachaud (2021), em uma época de livros digitais sentimos uma necessidade de rematerializar o livro e dar prioridade aos nossos 5 sentidos. O leitor de hoje é também um leitor mais exigente, que têm muito mais estímulos visuais no seu dia a dia do que anos atrás, além de ter muito menos tempo ocioso. Então ao pensar em fazer livros, o autor, no caso eu, precisei pensar em como seduzir a atenção desse novo leitor. desafiando-o, trazendo o conceito de jogo de Huizinga (1988). É a partir do jogo que se desenvolve o conceitos de interação e de leitor interativo → tão essencial na leitura de apps e livros-objeto. A leitura hipertextual (não linear) requer a manipulação e o leitor para fazer sentido. Esse leitor seduzido pelas características essenciais do jogo: intensidade e o poder de fascinação com suas próprias regras (explícitas ou não), de cada livro-objeto precisa querer entrar na brincadeira do “Era uma vez” e deixar-se levar... E aí, ao entrar no jogo, temos a dissolução da fronteira entre a realidade e a ficção.

O leitor explora as materialidades enquanto linguagens estéticas, o livro infinito permite ao leitor ser um agente ativo da narrativa fazendo uma leitura não linear, começando por onde quiser, rompendo com o padrão e ordem tradicional. Ao manipular o objeto transformando-o no seu

próprio ritmo e tempo, valoriza cada movimento com todo o corpo, potencializando a dimensão lúdica (jogar, virar, adivinhar, se surpreender), sonora (rimas, intensidade e altura), visual (cores, páginas e imagens que mudam e se reorganizam) e da sensorialidade (percepção), exploradas a cada nova virada de dobras.

Pastorelli e Viotto ressaltam a importância de os leitores experienciarem situações de leitura em que o objeto livro os convoca a serem coautores:

Esse tipo de experiência leitora cria uma potência, deixando pistas para que a construção do significado possa se expandir. Nesse espaço onde leitores podem ocupar o lugar também de protagonistas e não mais de meros espectadores, o objeto livro é pensado como um todo em suas diferentes linguagens. Os leitores beneficiam-se dessa experiência que remete a uma literatura carregada de imprevisibilidade, elipses, sutilezas, recursos linguísticos e visuais minuciosamente pensados e arquitetados a fim de contribuir para a ampliação do olhar. (Pastorelli e Viotto, 2021, p. 175)

E assim, no spinner literário “No Mato”, o leitor é convocado a protagonizar a experiência. Ele participa como coautor dos sentidos uma vez que é o sujeito que interage brincando, criando e recriando os elementos pictóricos e textuais presentes na obra.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Aline Senra Vasconcelos de. **O texto potencial no sistema ecológico do livro ilustrado infantil: palavra-imagem-design**. 2013. 174 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/14726>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- BADER, Barbara. **American Picturebooks from Noah's Ark to the Beast Within**. Londres: Macmillan Pub Co, 1976.
- BARCELLOS, Gisele Federizzi. **No Mato**. Brasília: Independente, 2019.
- BUENO, Lenice. Lawrence R. Sipe, a leitura dos story picturebooks e o socioconstrutivismo: (Notas sobre os capítulos iniciais do livro Storytime – Young Children's Literary Understanding in the Classroom). Caderno Emília. n. 3, 2020, p.123-157. Disponível em: https://issuu.com/doloresprades/docs/caderno_3_emilia_final Acesso em 29 Jul. 2021,
- CAMARGO, Luis. ILUSTRAÇÃO EM LIVROS DE LITERATURA INFANTIL. In: **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores**. Belo Horizonte: UFMG/Ceale, 2016. Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil> Acessado em junho de 2022.
- CAMPOS, Haroldo. **Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CARRIÓN, Ulises. **A nova arte de fazer livros**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FEDERIZZI, Gisele. **O desenho Infantil**. Porto Alegre: Blog Kids Indoors, 2013. Disponível em <http://www.kidsindoors.com.br/2013/07/o-desenho-infantil-por-gisele-federizzi.html> Acessado em junho 2022.
- HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- HUZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **O Cilindro, a Esfera, o Cone....** História das Artes, 2016. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-cilindro-a-esfera-o-cone/>. Acesso em 15 Sep 2022.
- KOMAGATA, Katsumi. **Katsumi Komagata**. Entrevista concedida a Thaís Camico. Revista Emília, São Paulo, 27 de julho de 2012. Disponível em <https://emilia.org.br/katsumi-komagata/> Acessado em março de 2023.

LINDEN, Sophie van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução: Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil. In: DERDYK, Edith (org). **Enter ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo: Senac, 2013.

MUNARI, Bruno. **Fantasia**. Lisboa: Edições 70, 2018.

NIKOLAJEVA, Maria & SCOTT, Carole. **Livro Ilustrado: Palavras e Imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NODELMAN, Perry. **Words about Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books**. Georgia: University of Georgia Press, 1990.

NOVAES, Aduino. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NUNES, Marília Forgeirini. **A leitura de narrativas infantis verbo-visuais: Interação do leitor com a palavra e a visualidade por meio da mediação**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2007.

Disponível em <<http://hdl.handle.net/11624/1099>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. PALO, Maria José. **Literatura Infantil: Voz da Criança**. São Paulo: Ática, 1998.

PACOVSKA, Kveta. **Kveta Pacovska**. Entrevista concedida a Javier Sobrino. Revista Emília, São Paulo, 18 de fevereiro de 2013. Disponível em <<https://emilia.org.br/kveta-pacovska/>> Acessado em abril de 2023.

PASTORELLI, Viviane Barros; VIOTTO, Denise Guilherme. Como e por que ler livros-álbum que abordem temas considerados tabus para a infância. In: TAVARES, Cristiane & WEISZ, Telma (org). **Literatura e Educação**. Porto Alegre: editora Zouk, 2021.

PATTE, Genevière. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PELACHAUD, Gaëlle. **Livres animés, sculpture de papier: perspectives historiques**. Sens public, v. 1, 2021. Disponível em: <<http://sens-public.org/articles/1496/>>. Acesso em: abril de 2023

SALISBURY, Martin & STYLES, Morag. **Livro infantil ilustrado**. São Paulo: Rosari, 2013.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

